

As Organizações Globo e a Ditadura Civil-Militar

João Braga Arêas¹

As Organizações Globo compõem o maior grupo de mídia do Brasil. Seus veículos dispõem grande influência entre os brasileiros que, não raro, tinham a Rede Globo como principal fonte de divertimento e de informações sobre o país e o mundo.

Neste texto, faremos uma breve descrição da história das Organizações Globo, enfatizando como o crescimento deste conglomerado midiático se fez a partir de suas relações com a ditadura militar, implementada após o golpe civil-militar de 1964.

Em 1925, Irineu Marinho fundou o jornal *O Globo*. Anos depois, em 1944, com Roberto Marinho à frente dos negócios, foi inaugurada a Rádio Globo. Ainda nos anos 40, a Globo demonstrava interesse em obter um canal de televisão – concessões para esse fim foram dadas pelos governos Juscelino Kubitschek (1956-60) e João Goulart (1961-64).² Este último governo foi derrubado por uma ação político e militar na qual a Globo desempenhou importante papel.

O governo João Goulart foi marcado por intensas lutas sociais. As classes trabalhadoras mobilizavam por diversos motivos, como a reforma agrária e o direito dos analfabetos votarem (bandeiras reunidas nas chamadas “reformas de base”). De outro lado, diversas associações das classes dominantes voltaram-se para a desestabilização e derrubada do governo Goulart. Nessa frente contrária às reformas de base, incluíam-se partidos políticos conservadores, grupos militares, setores da Igreja Católica, empresários e os principais órgãos de imprensa, como *O Globo* e a *Folha de S. Paulo*.

O Globo esteve atuante na campanha contra o governo Goulart e as entidades de esquerda em geral. Roberto Marinho se associou a Manoel Nascimento Brito (*Jornal do Brasil*) e João Calmon (Diários Associados) e montou a “Rede da Democracia”, veiculando propaganda contra o governo. O objetivo era assustar principalmente as classes médias de modo a colocá-las favoravelmente a um golpe de Estado.

Na virada de 31 de março para 1º de abril de 1964, os militares derrubaram João Goulart. E *O Globo* comemorou em um editorial:

¹ João Braga Arêas é doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e professor do Colégio Pedro II.

² MATTOS, Sérgio. “As Organizações Globo na mídia impressa” in BOLÃO, C. e BRITTOS, V. (orgs.). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.

*Graças à decisão e heroísmo das Forças Armadas, o Brasil livrou-se do governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo a rumos contrários à sua vocação e tradições (...) Salvos da comunização que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares.*³

Nos dias seguintes, *O Globo* manteve-se enaltecendo os militares, justificando a repressão subsequente ao golpe de 64 e afirmando que as Forças Armadas estavam garantindo a democracia no Brasil. Porém, o país estava ingressando em uma ditadura que viria a ter longa duração. O regime que as empresas de Roberto Marinho ajudaram a implementar em 1964 favoreceria a expansão das Organizações Globo, que se constituiriam no maior conglomerado de mídia brasileiro.

Antes mesmo do golpe civil-militar de 1964, as empresas estrangeiras já vinham obtendo proeminência na economia brasileira, processo que se aprofundou com a ditadura militar. Nesse contexto, deve-se compreender as ligações entre a Globo e a empresa norte-americana Time-Life, importante editora de revistas, que tinha alguns canais de televisão locais nos Estados Unidos.

A Constituição brasileira proibia a participação do capital estrangeiro nos meios de comunicação. Uma multinacional não poderia ter participação acionária, fazer parte de direção ou auferir lucro de uma empresa de mídia brasileira. Tais normas não foram respeitadas pelos acordos assinados a partir de 1962 entre Marinho e o grupo Time-Life, no contexto de organização da Rede Globo. O assessor da Globo na elaboração dos contratos foi o advogado Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva, próximo de Roberto Campos, que seria ministro do Planejamento de Castello Branco e um dos mentores da política econômica de abertura ao capital estrangeiro após o golpe de 1964. O próprio Nascimento e Silva assumiria cargos no primeiro escalão do governo Castello Branco: presidente do Banco Nacional de Habitação (BNH) e ministro do Trabalho e Previdência Social.⁴

A Time-Life enviou cerca de 6 milhões de dólares à empresa de Marinho entre 1962 e 1966, valor expressivo para a época – os investimentos do grupo americano eram mais de trinta vezes o valor do capital da Globo. Ademais, de acordo com os contratos, a Time-Life não figurava como mera financiadora: tinha direito a 30% dos lucros da TV Globo e detinha 30% do patrimônio da emissora. A Time-Life tinha

³ Apud BORGES, Altamiro. *A ditadura da mídia*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009, p.77.

⁴HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Rio Grande do Sul: Tchê!, 1989, p.106.

participação em administração, programação, treinamento de pessoal, contabilidade e venda de anúncios da TV Globo.⁵

Em março de 1966, foi criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as relações da Globo com o grupo Time-Life. A CPI aprovou por unanimidade o parecer que considerava inconstitucional a associação entre as empresas de Roberto Marinho e a empresa dos EUA. Contudo, o procurador-geral da República e o presidente Castello Branco, em março de 1967, afirmaram que a operação fora legal. O caso foi definitivamente arquivado pelo presidente Costa e Silva. Percebe-se, assim, que a ditadura militar tinha interesse na expansão de pelo menos uma grande empresa de telecomunicações.⁶

A proximidade entre Roberto Marinho e importantes nomes dos primeiros governos fardados tornou-se ainda mais incontestável a partir da publicação em 2014 de documentos norte-americanos até então confidenciais. Trata-se de telegramas do embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon, enviados aos seus superiores em 1965. Neles, Gordon narra os bastidores da sucessão de Castello Branco e observa que Roberto Marinho, seu interlocutor, vinha “trabalhando silenciosamente” pela prorrogação ou reeleição do presidente da República, além de tratar das pretensões do general Costa e Silva (que, de fato, se tornaria o chefe de Estado em 1967). O dono das Organizações Globo vinha contatando vários indivíduos centrais do governo de então, como o general Ernesto Geisel, chefe da Casa Militar, o general Golbery do Couto e Silva, chefe do Serviço Nacional de Informação (SNI) e Luiz Vianna, chefe da Casa Civil. Marinho observava que as eleições diretas poderiam consagrar a oposição, risco que não existiria se o pleito fosse indireto, vide a força do governo no Congresso. Marinho sugeriu ainda mudanças no ministério, propondo que a pasta da Justiça passasse de Milton Campos para Juracy Magalhães, alteração que viria a ser realizada por Castello Branco.⁷

Os telegramas de Lincoln Gordon evidenciam que Roberto Marinho tinha diálogo direto com os principais nomes da ditadura militar recém-instaurada, inclusive com o presidente da República. A desenvoltura do dono da Globo em meio ao

⁵ Idem, p.195, COUTINHO, Eduardo Granja. “Ecos do golpe no mundo da cultura” IN COUTINHO, Eduardo Granja e IASI, Mauro Luís. *Ecos do golpe*, a persistência da ditadura 50 anos depois. Rio de Janeiro: Mórula, 2014, p.114.

⁶ HERZ, Daniel. *A história secreta...* Op.cit., p.183 e 190.

⁷ STEPHANOWITZ, Helena. “Nos EUA, a confirmação das mãos de Roberto Marinho nos bastidores da ditadura”, in <http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/helena/2014/04/eua-confirma-acao-de-roberto-marinho-nos-bastidores-da-ditadura-3931.html> (acesso em 22/2/2015).

establishment político-militar permitia-lhe tratar de temas estratégicos, como a sucessão presidencial e a nomeação de cargos do primeiro escalão do governo, como os ministros. Essa notável articulação e proximidade de Marinho com os nomes mais importantes do aparelho de Estado permite a compreensão do desfecho favorável à Globo do caso Time-Life.

Com fartos recursos que a colocaram à frente das concorrentes, A TV Globo (RJ) foi inaugurada em 1965 e não parou de crescer, adquirindo uma estrutura de rede nacional. Novas emissoras foram compradas em outras capitais: São Paulo (1966), Belo Horizonte (1968), Brasília (1971) e Recife (1972). A televisão praticamente virava sinônimo de Rede Globo. Em 1971, os dez programas mais assistidos no Rio de Janeiro e em São Paulo eram exibidos pela TV Globo.⁸

Paralelamente, a ditadura militar, em nome da “integração nacional”, fez uma série de investimentos em telecomunicações – entre 1965 e 1972, foram criados a Embratel, o Ministério das Comunicações e o Sistema Telebrás. Tais investimentos foram importantes para a expansão das Organizações Globo, daí o diretor da TV Globo, Walter Clark, ter declarado em 1972: “Com certeza a rede de televisão que dirijo foi beneficiada com a coincidência de ter sido planejada e inaugurada no período de 64, quando o País tomou novos rumos”. Pedro Bial, em um livro sobre Roberto Marinho, também reconhece a coincidência de interesses da Globo e da ditadura militar: “Acontecia que onde chegasse um novo braço da Embratel, lá iam em seguida os executivos da Globo, ver se valia a pena adquirir uma nova emissora concessionária na região”.⁹

Enquanto era favorecida pela ditadura militar, a Rede Globo procurava legitimar ideologicamente o regime. As empresas de Marinho atuaram em sintonia com o regime e seu órgão de propaganda, a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), na criação de um clima de euforia e ufanismo. Criava-se o “padrão Globo de qualidade”, no qual se via um Brasil “moderno” e consumista, livre de contradições e miséria.

Walter Clark, em seu livro de memórias, admite a proximidade entre a linha ideológica da ditadura militar e o Brasil que se assistia nas telas da Globo. Contudo, para o ex-diretor da TV Globo, tal sintonia ocorria “por acaso”:

⁸ MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional*: a notícia faz a história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.23

⁹CAPARELLI, Sérgio e SANTOS, Suzy. “Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um velho conceito” in BOLÁNO, C. e BRITTOS, V. (orgs.). *Rede Globo...*, op.cit., p.79; BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.180, apud KEHL, Maria Rita. “Eu vi um Brasil na TV”, in SIMÕES, Inimá, COSTA, Alcira e KEHL, Maria Rita. *Um país no ar – história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.p.203.

É uma estupidez, de qualquer forma, negar que a Globo teve sua imagem confundida com a da ditadura. *Mesmos em querer*, na medida em que ela apurava seu padrão de qualidade (...), tudo isso coincidia com a euforia do “milagre brasileiro”. O padrão de qualidade, o fortalecimento de uma imagem de modernidade e tecnologia, acabou cooptando, *mesmo sem querer*, a imagem do “Brasil Grande”, que tanto interessava aos governos da ditadura.¹⁰

A proximidade Globo-ditadura militar também é ilustrada pelo Jornal Nacional, primeiro programa de televisão em rede nacional do Brasil, que estreou em setembro de 1969. Com o tempo, se tornaria o programa de maior audiência, não raro constituindo-se na única fonte de informações dos brasileiros sobre o mundo e o país. Para os críticos, o JN chegava a ter um tom mais oficial que a Voz do Brasil. Evitava mostrar pessoas de aparência miserável que destoavam do “Brasil moderno” que era apregoado. No bloco internacional, assistia-se a guerras e conflitos; na parte nacional, atos do governo, grandes obras e curiosidades da vida privada.¹¹ Daí a célebre declaração do presidente Médici:

Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal [nacional]. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranquilizante após um dia de trabalho.¹²

Outros programas da Rede Globo se destacaram no apoio à ditadura militar e ao clima de euforia nacional, como os de Amaral Netto e Edgardo Ericson. Walter Clark recorda outros momentos: “Ok, a Globo prestigiava eventos militares. Fizemos a festa do Sesquicentenário da Independência, cobríamos as Olimpíadas do Exército, transmitíamos as paradas de 7 de Setembro.” O ex-diretor da TV Globo afirma que a função do programa de Amaral Netto era “puxar saco”, de modo a “afagar o regime” e evitar pressões e censuras.¹³

Ao mesmo tempo, o veículo mais tradicional das Organizações Globo, o jornal *O Globo*, também reforçava a campanha de apoio à ditadura militar. É o que atesta a

¹⁰ CLARK, Walter. *O campeão de audiência*, uma autobiografia. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.p.252e 253 (grifos nossos).

¹¹ KEHL, Maria Rita. “Eu vi um... op.cit, SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*, um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985, p.38 e 39.

¹² SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além...* Op.cit., p.39.

¹³ CLARK, Walter. *O campeão...* Op.cit., p.227, 228 e 260.

análise das manchetes e dos editoriais de primeira página dos anos de 1969 e 1970, contexto de maior autoritarismo do regime, com vigência a do AI-5, o Congresso temporariamente fechado e uso sistemático da tortura contra opositores políticos. Também era um momento de crescimento econômico – conhecido como “milagre econômico”, acompanhado do achatamento salarial dos trabalhadores e de endividamento externo.

O Brasil de *O Globo*, em sintonia com a propaganda da ditadura militar, rumava para o desenvolvimento. Diversas manchetes destacavam o desempenho da economia brasileira: “*Bolsa em novo recorde*” (4/7/1969), “*Bolsa: Novos recordes*” (24/11/1970), “*Êxito do Brasil contra a inflação*” (7/6/1969) e “*Crédito maior e mais rápido*” (9/1/1970).¹⁴

A “obra” da “revolução” era constantemente louvada nos editoriais de primeira página. Sob o título “*Brasil acima de tudo*”, afirmava-se: “*DE 1964 PARA CÁ, este País deu um salto. Saiu do caos para a vitalidade*” (19/9/1969). A “revolução” “*REALIZA ADMIRÁVEL obra socioeconômica*” (24/11/1970). Os aniversários do golpe eram sempre comemorados: em 1969, o editorial teve como título “*Cinco anos fecundos para o Brasil*” (1/4/1969). Em 1970, uma grande manchete destacava: “*Revolução, Ano VII.*” O editorial da mesma edição intitulava-se “*Seis anos fecundos*” (31/3/1970). O jornal reagiu a uma matéria crítica do *Times*, que havia se referido a “*governos militares ultraconservadores*” da América Latina. O editorial de *O Globo* protestou, salientando que o governo brasileiro sequer podia ser taxado de “*conservador*”, pois estaria implementando importantes reformas (16/10/1970).

O Brasil de *O Globo* também era democrático ou estava no caminho de assim se tornar. Autoritários seriam os adversários do regime. Um editorial de capa afirmava que já estava comprovado “*o caráter democrático da Revolução Brasileira*”; a “*anti-Revolução*” ou a “*contrarrevolução*” é que constituía “*A DITADURA*” (8/8/1969). Algumas manchetes e editoriais enfatizavam que o presidente Médici, o governo e as Forças Armadas eram democratas, como se percebe nos exemplos: “*A aula de Médici – presidente quer progresso sem sacrificar liberdades*” (11/3/1970), “*Médici prestigia o Congresso*” (12/11/1969), “*Médici vai ao povo na praça*” (26/1/1970), “*Governo faculta TV e rádio para a oposição*” e “*Exército é fiel à democracia*” (8/5/1970).A

¹⁴ As manchetes deste parágrafo e dos seguintes foram retiradas de: ARÊAS, João Braga. *As batalhas de O Globo, o neoliberalismo em questão*. Tese de doutorado em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

manchete da última edição do jornal de 1969 era carinhosa com Médici: “*Um feliz ano-novo, presidente*” (31/12/1969).

O *Globo* pedia que os brasileiros confiassem nos dirigentes políticos e cobrava apoio ao regime. O editorial de capa que anunciava Médici como presidente convocava: “*UNIÃO NACIONAL em torno da Revolução e de seu novo líder – é palavra de ordem. Dividir é trair*” (7/10/1969).

O jornal veiculou uma cobertura fortemente contrária aos grupos de esquerda que adotaram a luta armada como forma de derrotar a ditadura militar. O *Globo* utilizava as mesmas expressões do regime para se ferir aos guerrilheiros: “terroristas” e “subversivo”. Ademais, os adeptos da luta armadas eram apresentados como violentos criminosos amorais, destituídos de orientações políticas, como se percebe nas manchetes “*MAR [Movimento de Ação Revolucionária] usou uma criança como escudo*” (8/8/1969), “*Terrorista mata o próprio pai*” (8/10/1970), “*Ante a repulsa geral do povo –terroristas tentam captar simpatias*” (11/4/1970), “*Subversão só tem um objetivo: matar e destruir – outro jovem abandona o terror*” (9/7/1970) e “*Dinheiro do terror era gasto em orgias*” (29/1/1970).

Além da esquerda armada, outro grande adversário de *O Globo* era constituído por aqueles que denunciavam a tortura no país. No período 1969-1970, foram frequentes editoriais e manchetes de primeira página contra os grupos antitortura. Tratar-se-ia de uma “*campanha contra o Brasil*” (22/11/1969), “*Campanha hedionda*” (2/4/1970), “*campanha de difamação no exterior*” (1/08/1970), feita pelos “*inimigos do Brasil*” (7/3/1970). O Comitê de Defesa dos Presos Políticos Brasileiros, organizado no exterior, foi chamado de “*Comitê Contra o Brasil*” (10/1/1970). O objetivo dos críticos seria o de difamar a “*revolução*”: “*PROSSEGUE A OFENSIVA hiperbólica contra a revolução brasileira*” (2/4/1970); “*ESTAMOS DIANTE de mais uma iniciativa para tentar desmoralizar no exterior a Revolução Brasileira*” (4/12/1969).

O *Globo* centrava seus ataques em d. Helder Câmara, que denunciava a tortura de presos políticos no Brasil. Uma manchete associava o bispo àqueles que visavam abolir as tradições da Igreja Católica: “*Padres anticelibato aplaudem D. Hélder*” (8/01/1970). Em outra edição, embaixo de uma foto de Câmara, havia o seguinte escrito: “*D. Helder: por toda Europa, uma cruzada contra seu próprio país*” (4/8/1970). No editorial “*D. Helder Câmara e a onda anti-Brasil*”, afirma-se que o bispo estaria fazendo “*calúnias contra o Brasil*” (1/7/1970).

As denúncias referentes aos suplícios não passariam de mentiras para o jornal de Roberto Marinho. O periódico insistia não haver tortura no Brasil: “*NÃO CREMOS QUE HAJA tortura nesse país*”, salientava um editorial (4/12/1969). “*O GOVERNO ESTÁ no dever de destruir todas as mentiras que se dizem no exterior contra o regime brasileiro, que, aliás, salvou o País dos mais terríveis torturadores que a história já conheceu*” (22/11/1969).¹⁵

As capas de *O Globo* de 1969 e 1970 ilustram, de forma inequívoca, o alinhamento entre as Organizações Globo e a ditadura militar¹⁶. Assumindo o ideário do regime, o golpe de 1964 era tratado como “Revolução”; o sistema político seria democrático, e não ditatorial.

É preciso observar que o jornal e os demais veículos das Organizações Globo afastavam-se da conjuntura vivida no país. Não havia participação política e claramente o regime não era “democrático”. Basta lembrar que o Congresso havia sido fechado em certas ocasiões e que os deputados de linha mais crítica tinham seus mandatos cassados. O AI-5 estava em plena vigência, dando amplos poderes ao presidente da República. Os dirigentes da ditadura não seguiam as próprias leis que impunham, alterando-as sempre que necessário. Pequenas críticas poderiam significar prisões e tortura. Ainda assim, o regime procurava manter aparências democráticas, com a alternância de presidentes e se declarando grande defensor da democracia. Nesse sentido, a ditadura militar teve *O*

¹⁵ Os editoriais de *O Globo* também atacaram os críticos da situação dos indígenas no Brasil: “*TODOS NÓS SABEMOS que este País adota uma política exemplar em matéria de proteção aos índios. (...) O Estado vem cuidando dos silvícolas com desvelo*” (2/12/1969) e “*INVENTEM OUTRA, pois a história do genocídio não rende mais nada*” (31/1/1970). Os editoriais do jornal estiveram muito distantes da realidade, pois o período da ditadura militar foi marcado pela violação dos direitos humanos de várias etnias indígenas. Segundo o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, ao menos 8.350 indígenas foram mortos em massacres, remoções, contágio por doenças, prisões, torturas e maus-tratos. O relatório observa que o número de vítimas deve ser muito maior e propõe mais investigações. BRASIL, Kátia e FARIAS, Elaíze. “Comissão da verdade: ao menos 8,3 mil índios foram mortos na ditadura militar”, in <http://amazoniareal.com.br/comissao-da-verdade-ao-menos-83-mil-indios-foram-mortos-na-ditadura-militar/> (acesso em 21/6/2015).

¹⁶ A tese da comunhão de interesses entre a Globo e a ditadura militar não implica a inexistência de atritos nem a ideia de que todos os funcionários das Organizações Globo fossem favoráveis ao regime. Por ser a maior emissora do Brasil, a TV Globo recebia atenção dos censores. O Jornal Nacional teve que negociar como iria noticiar os problemas de saúde do presidente Costa e Silva; tratou da morte dos presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart com discrição. As novelas passavam por censura prévia; houve o caso da proibição de “Roque Santeiro”, de Dias Gomes, às vésperas de sua estreia. Para facilitar as relações com a censura, a Globo teve dois “assessores militares”: Edgardo Manoel Ericson e o coronel Paiva Chaves. Walter Clark lembra: “Ambos foram contratados com a missão de fazer a ponte entre emissora e o regime. Tinham boas relações e podiam quebrar galhos, quando surgissem problemas na área de segurança.” Clark também contratou Otati, diretor de Censura da Guanabara, para ler os capítulos das novelas antes da censura oficial. E como a evolução tecnológica da Globo não era acompanhada pelo Divisão de Censura e Diversões Públicas, a emissora doou um equipamento de vídeo e cedeu operadores necessários para que a Censura pudesse ver as novelas em Brasília. CLARK, Walter. *O campeão...*, Op.cit., p.199; FICO, Carlos. *Além do golpe: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p.95.

Globo como aliado, que sistematicamente ignorava a realidade política do Brasil e tachava o regime de “democrático” justamente no momento em que este se tornava cada vez mais indisfarçavelmente ditatorial.

O fim da ditadura militar não significaria um enfraquecimento das Organizações Globo. As empresas de Marinho haviam ampliado sua influência política e ideológica durante o regime fardado e continuariam a ser o principal conglomerado midiático no “período democrático”.